

PENSANDO A ESCOLA DA INFÂNCIA A PARTIR DO DIALOGO COM AS CRIANÇAS

LIMA, Fabiane Florido de Souza

SILVA, Maria do Nascimento

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Tereza Goudard Tavares

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FFP

mestradoedu.ffp@gmail.com

Resumo

Este trabalho é fruto de nossas dissertações de mestrado defendidas em maio/2016 na UERJ-FFP. Trata-se de dois estudos resultantes da prática docente de duas pesquisadoras da educação da pequena infância de 0 a 5 anos, na rede municipal pública de Niterói. Uma das pesquisas versa sobre a especificidade e organização do trabalho cotidiano com os bebês, realizado pela pesquisadora Maria do Nascimento Silva e a outra pesquisa diz respeito à organização dos tempos e espaços que o coletivo infantil vivencia numa jornada de 9 horas diárias dentro de uma UMEI, realizada pela também pesquisadora Fabiane Florido de Souza Lima. O estudo com os bebês teve como lócus investigativo a UMEI Lisaura Machado Ruas, situada no Morro da Cocada, no bairro do Badu. Já a pesquisa sobre a organização dos tempos e espaços foi realizada na UMEI Vinicius de Moraes, localizada no bairro do Sapê. As UMEIs delimitadas apresentam-se enquanto espaços potentes de valorização das crianças pequenas, procurando desenvolver práticas educativas que reconhecem a criança como produtora de cultura e sujeito de direitos.

Todo estudo pressupõe escolhas teóricas e metodológicas, que de modo geral refletem e dialogam com a biografia do pesquisador (a) e de suas escolhas políticas e epistêmicas. Neste sentido, as pesquisas foram fundamentadas a partir do referencial teórico da Sociologia da Infância; referencial esse que ajudou na compreensão da infância como uma construção histórica, cultural e geograficamente contextualizada, bem como as crianças que a compõem como atores sociais plenos, constituídos na cultura e construtores de cultura.

Palavras-chave: Bebês, Infâncias, Auscutar.

Auscutando as vozes infantis: Um trabalho de pesquisa com a pequena infância no município de Niterói

Pensando na possibilidade de reorganizar de forma compartilhada os espaços físicos e arquitetônicos para a jornada diária do coletivo infantil, intencionando uma maior qualidade no tempo de permanência deles, na UMEI Vinicius de Moraes a pesquisa “9/5”: *Tempo(s) E Espaço(s) Na Educação da Pequena Infância Numa Escola Pública do Município de Niterói* teve

por objetivo investigar a configuração dos tempos/ espaços numa escola pública de Educação Infantil e suas relações com a organização de práticas educativas favoráveis as aprendizagens e experiências sociais das crianças de 3 a 5 anos.

A *geração de dados* com as crianças foi feita de forma sistemática, já que se contava com a presença da pesquisadora diariamente na UMEI, pois esta faz parte da direção. Pode-se dizer que a interação cotidiana prolongada no universo da pesquisa colaborou para tal. Utilizei o termo *geração de dados* e não coleta de dados, com base em Graue e Walsh (2003) que afirmam que os dados não ‘andam por aí’ à espera de serem recolhidos, ao contrário, eles provêm das relações e das interações estabelecidas com os sujeitos da pesquisa.

A produção de dados ao se tratar de pesquisa *com* crianças pode abranger diferentes e variadas formas de registro. Graue e Walsh (2003) afirmam que a seleção dos instrumentos a serem utilizados

são ferramentas importantes de geração de dados e maneiras importantes de garantir que o processo de geração de dados abranja uma multiplicidade de perspectivas. Os instrumentos são coisas, coisas utilizadas para auxiliar na descrição sistemática, quer da mediação, quer da narrativa. Um bom instrumento torna mais fácil um tipo particular de descrição sistemática (p. 149).

Nesse percurso, um das estratégias que utilizei e que trago aqui foi a de *auscultar* (ROCHA, 2008) os coletivos infantis para a constituição de uma escola voltada prioritariamente para as crianças através da assembleia, pois esta possibilita o direito de participação dos pequeninos nas decisões que envolvam o dia a dia da UMEI. Rocha (2008) utiliza o termo *auscultar* contrapondo-se ao termo *escutar/ouvir*, pois este se associa a uma simples recepção de uma informação. Já quando se *ausculta*, também se compreende a comunicação feita pelo *outro*, envolvendo sempre: recepção-compreensão-interpretação.

Sobre a assembleia é possível afirmar que, segundo Castro (2010) a criança só aprende a participar, participando. Assim, *é no exercício diário e social de negociação, de escuta, de argumentação, de escolhas, que se constrói o conceito e as práticas democráticas.*

Os sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa, mais especificamente, foram as crianças de alguns grupos como: um grupo de 3 anos nomeados por eles como Turma Presente , um grupo de 4 anos da Turma Estrelinha e um grupo de 5 anos da Turma da Mônica, e que se colocaram como protagonistas da investigação. Não desconsidere os outros grupos da educação infantil que fizeram parte também na observação e produção de dados. Os cenários contemplados na investigação foram os diferentes espaços utilizados no cotidiano pelos grupos. Minha participação se deu no dia a dia, alternando os momentos da rotina dos grupos (refeitório, sala de atividades, brinquedoteca,

atividades na quadra, etc.), visando observar/acompanhar e participar com as crianças, em diferentes momentos, do que acontecia entre elas nos distintos espaços e tempos da UMEI.

A pesquisa foi relevante, pois desafiou a pensar/praticar práticas educativas que construíssem coletivamente significados favoráveis ao coletivo infantil na jornada diária de nove horas, além de possibilitar a discutir questões relacionadas à organização dos tempos-espaços institucionais da pequena infância.

Ouvindo as vozes infantis

Para escutar, não basta, também, só ter ouvidos. Escutar envolve receber o ponto de vista do outro, abrir-se para o entendimento para a compreensão de seu desejo. Para falar, não basta ter boca, é necessário ter um desejo para comunicar, pois todo desejo pede, busca comunicação com o outro. Também, “todo o desejo é o desejo do outro”. (WEFFORT, 1996).

Um dos principais aprendizados de meu percurso de pesquisa tem sido o exercício da escuta. Como ouvir as vozes infantis no cotidiano da UMEI? Nos movimentos que fiz para *auscutar* (ROCHA, 2008) essas pequenas vozes, mas de força tamanha, percebi que as crianças, de uma forma ou de outra, são competentes, perceptivas, participativas e nos apontam caminhos e (des) caminhos para a nossa prática. Percebi que precisamos enxergá-las como “possuidoras de muitas possibilidades” (FINCO, 2015, p.234), assim também fica em mente que, como diz Russo (2007), o professor de educação infantil “não ensina nem dá aulas.”.

Em setembro de 2015, após as discussões ao entorno do PPP da UMEI, a Equipe de Articulação Pedagógica (EAP) propõe ao grupo de professores um trabalho que reconhecesse e valorizasse a efetiva participação infantil no cotidiano da UMEI, dando destaque aos dizeres, olhares e perspectivas infantis para a organização do ‘dia’ na jornada de 9 horas.

Na apresentação do projeto ‘A voz da pequena infância’, numa reunião pedagógica, projeto esse pensado primeiramente por mim enquanto pesquisadora, para estar *auscutando* as crianças quanto à organização dos tempos e espaços da UMEI, a professora Rita, de imediato, se interessou como uma forma de trabalho com seu GREI 4C (Turma da Estrelinha). Solicitou minha ajuda para estarmos pensando em como poderíamos dinamizar a assembleia de forma que as crianças entendessem de que se tratava e o objetivo de sua participação.

Iniciamos o trabalho com o grupo, com a contação da Fábula de Esopo: A Assembleia dos Ratos. Achamos que assim, eles entenderiam melhor o que era uma assembleia.

Colocamos o desafio para o grupo, para que eles decidissem e chegassem a um acordo, de que personagem iria colocar a sineta no pescoço do gato sem que o gato comesse o rato e, como isso seria feito. Muitas possibilidades foram levantadas pelas crianças como:

Fernanda: Um rato coloca a sineta no gato enquanto ele estiver dormindo...

Fabiane (pesquisadora): E se ele sentir o cheiro do rato e acordar?

As crianças param para pensar se isso é possível acontecer.

Lara: Ele coloca e sai correndo...

Gabriela: O gato pega ele.

As crianças ficam num impasse para decidir o que realmente fazer. O objetivo está sendo alcançado. Queríamos justamente isso: a discussão de um tema para a chegada a uma decisão. Com isso, em outra dinâmica, estaria subentendido que sempre precisaremos estar nesse movimento de discussão para saber se o que elas propõem é viável, se é prioridade e, que muitas vezes a tomada de decisões depende de fatores alheios às vontades pessoais.

Lançada a proposta na turma da Estrelinha, agora se tinha um novo desafio. Fazer uma assembleia para decidir quais as atividades seriam desenvolvidas no dia 13 de outubro, quando se estaria comemorando a semana da criança. O dia 14 já havia sido planejado pelos profissionais da UMEI. Ficou acordado que a verba arrecadada na festa julina seria utilizada numa festa para as crianças nessa semana. Sendo assim, decidiu-se por contratar um espetáculo circense.

Outro grupo que se interessou e me convidou para participar da atividade foi a Turma Presente das professoras Juliana e Elisângela.

Elisângela inicia a rodinha com as crianças me contando que elas tiraram, anteriormente, os representantes do grupo que são Larissa e Gisele. Elas vão ajudar os colegas a pensar no que querem fazer durante o dia, a semana, para trazer as propostas. Sendo assim, vão decidir juntos, em assembleia, se é viável ou não.

- Hoje, nós vamos pensar em coisas legais para fazer no dia 13 de outubro. Eu vou escrever as coisas que vocês vão dizer para a gente fazer no dia da criança, certo? Diz Elisângela.

- O que vocês querem fazer de legal? No dia 14 a escola vai dar um presente para vocês. Nós já não falamos sobre isso? O que vai ter no dia 14 lá na quadra que a tia Eli já conversou?

- Vai ter um circo! Responde Lavínia.

- Perna de pau, palhaça, mágico.... diz Juliana.

- Eu não tenho medo de palhaço... responde Derek.

- Agora nós vamos pensar o dia 13.

- Arthur o que você acha legal para a gente fazer nesse dia?

- Massinha... responde Arthur.

As professoras precisam interferir, pois todos falam ao mesmo tempo. Elisângela pergunta ao restante do grupo se massinha é uma coisa que pode ser uma atividade para esse dia e todos concordam que sim.

- E você Maria Vitória? O que gostaria de fazer?

- Eu quero brincar de boneca.

- Então será que a gente pode colocar como dia do brinquedo, Maria Vitória?

Pergunta Juliana.

A conversa continua e um a um vai dando sua sugestão. Caio quer jogar futebol, outra quer brincar de bambolê, carrinho, pula-pula, pica-pau igual ao DVD, bicicleta, de cobra...

- O que é isso? Pergunta Juliana.
- É a brincadeira de tapar o olho e procurar a criança.
- Hã... Cobra-cega...
- Podemos então fazer uma gincana? Já tem um monte de brincadeiras para isso.

Diz tia Ju.

Assim, Juliana seguiu dizendo para o grupo Presente as atividades escolhidas por eles: as brincadeiras (que envolvem as bonecas, os carrinhos, etc.); a gincana (com as atividades com bambolê, cobra-cega, entre outras); cinema (quando a criança apontou o desenho do pica-pau) e recreação (pula-pula, pintura no rosto, etc.). Em seguida, explicou que eles precisavam votar em duas atividades, que seria a sugestão desse grupo para os outros grupos, onde no dia as salas seriam transformadas em ambientes que as crianças da UMEI haviam planejado para o dia das crianças. (**GREI 3 B – - Turma Presente - Professoras Elisângela e Juliana**)

Nessa atividade, percebi que uma das dificuldades do trabalho com esse projeto é que nós educadores da infância não temos experiência na tarefa de ‘ouvir’ as crianças. Muito se tem que experimentar. Escutar as crianças tem um caráter transformador na construção de práticas que levem à participação infantil sujeitas a ação no cotidiano. Cabem a nós, professoras que trabalhamos com a educação infantil, sermos ousadas e aceitar o desafio diário de ouvi-las no que tem para nos dizer e tornar as suas falas centro de entendimento dos contextos em que estão inseridas.

Por Uma Epistemologia da Escuta: Caminhos Metodológicos na Pesquisa com os Bebês

Um dos grandes desafios que se coloca ao pesquisador (a) da pequeníssima infância diz respeito à relação do/da pesquisador(a) com as crianças, principalmente na pesquisa qualitativa, de cunho participante. Neste sentido, inúmeras questões epistêmicas e políticas são mobilizadoras: tais como o posicionamento diante delas, ou seja, como se dará o tratamento das mesmas no desenvolvimento do trabalho investigativo, isto é, se é possível não toma-las como um objeto de sua pesquisa, ou se conseguiremos ter uma postura ética e uma vigilância epistêmica, capaz de nos fazer respeitar os pequenos, reconhecendo-as enquanto sujeitos participantes da pesquisa. Queremos reiterar que a dimensão ética torna-se fundamental nas pesquisas com crianças, como nos lembra Kramer (2002).

No caso da pesquisa com os bebês o nosso desafio é ainda maior, pois por mais que nos coloquemos disponíveis para ouvi-los, existe o desafio de compreensão de suas outras linguagens, tais como a corporal, o choro, os seus silêncios, sendo necessário uma relação estreita com as suas famílias, além de muita sensibilidade da parte da pesquisadora, intencionando estabelecer uma relação dialógica com *os pequenos* através de outras formas de linguagens, como por exemplo, os

olhares, os gestos e o corpo. Tal pesquisa teve por objetivo investigar as possibilidades educativas do trabalho pedagógico com os bebês num espaço público de educação infantil, considerando as experiências e as múltiplas relações/ interações que estes vivenciam no cotidiano do berçário.

Embora reconheça ser uma “relação desigual”, pois ainda estamos muito distantes das crianças em termos de relações de poder, sociais, políticas, culturais e de tamanho físico, logo não terei como mudar o fato de que eu serei o adulto e ainda que eu desejasse ter efetivamente uma relação horizontal e mais dialógica com os bebês, inúmeras vezes o adultocentrismo do lugar mal dito da pesquisadora foi matéria prima das relações, mesmo tentando ter uma reflexividade o tempo todo da pesquisa.

Do ponto de vista político e epistêmico, entendo ser fundamental ouvir as crianças, isto é, buscar ouvir as crianças mesmo quando as crianças pequenininhas ainda não falam, não andam, nem respondem perguntas como as crianças maiores da creche. Escutar essas crianças ultrapassa o ato ‘mecânico’ e biológico de ouvir e decodificar palavras, pressupõem um movimento de sensibilidade para escutar as outras formas de comunicação como por exemplo, as linguagens corpóreas dos pequenos.

Ao chegar logo cedo na sala do berçário, percebi que não havia nenhum bebê por lá. As professoras falaram que estavam no GREI1, Fui até lá, e vi que estavam em sua maioria sentados no tatame cantando com as professoras. Arthur e Kaylane do GREI 0 estavam andando pela sala. Num momento seguinte, Kaylane começa a subir na cadeira, tentando ficar em pé na cadeira. Um das professoras a repreende dizendo para descer, pois irá cair. O Guilherme do GREI1, estava perto e segura Kaylane pela mão e a ajuda a descer. Eu digo: “obrigada Guilherme por ter ajudado!” Ele virá a cabeça em minha direção e sorri. (Caderno de campo, 10/2015)

Compreendo que não é possível ao pesquisador(a) despir-se de seus conhecimentos e interpretações, mas fiz um exercício epistemológico de tentar olhar a partir de um ponto de vista epistemológico que não privilegiasse apenas a minha visão de adulto.

Cabe pontuar que as pesquisas *com* as crianças são recentes e tiveram influência a partir dos estudos da Sociologia da Infância, Antropologia da infância e Filosofia da infância, principalmente com a expansão dos Estudos Sociais da infância que ocorreram na década de 1990.

Vivemos em uma sociedade com regras sociais e culturais muito rígidas e pouco flexíveis às lógicas infantis, uma sociedade atravessada por um modo de produção de conhecimento e relações que prioriza o adulto produtivo, eternamente jovem, branco e da classe social mais privilegiada. Logo não é tarefa fácil concretizar efetivamente a participação infantil em uma sociedade adultocêntrica.

Por vezes, falar de culturas infantis e participação das crianças em pesquisa pode gerar desconforto no mundo adulto, pois não compreendem como crianças muito pequenas podem participar e tomar decisões no contexto social.

Conforme mencionado anteriormente a pesquisa foi realizada em uma creche pública do município de Niterói, no grupo de crianças denominado GREI 0 (berçário). E, porque eu escolhi Niterói? Primeiramente por já ter trabalhado nessa rede municipal e já conhecer de certo modo o trabalho desenvolvido pelo referido município. Além disso, a escola escolhida apresenta-se enquanto um espaço potente de valorização das crianças e procura desenvolver práticas pedagógicas e culturais favoráveis a elas.

Tratou-se de uma pesquisa etnográfica. A etnografia é uma metodologia oriunda da Antropologia que requer a presença prolongada do pesquisador(a) no contexto social estudado, um contato direto com as pessoas e as situações. Um modo de olhar e compreender baseado na descrição densa e aprofundada dos fenômenos sociais e culturais que ocorrem no contexto investigado, nos exigindo muita capacidade de escuta e interpretação rigorosa, ou seja, muita vigilância epistêmica para não realizar leituras apressadas e preconceituosas dos fenômenos investigados. Desse modo, o trabalho de campo foi realizado de forma sistemática, com uma participação mais frequente permanecendo na UMEI/berçário da investigação, duas vezes por semana durante um ano para acompanhar o grupo do berçário, bem como as reuniões de planejamento dos profissionais da creche.

Os contextos informacionais, a coleta de dados foram obtidos através de filmagens, fotos e registros no caderno de campo de forma sistemática e continua, pois acredito ser um importante registro de cada detalhe das vivências do cotidiano investigado, que muitas vezes são perdidos quando não registrados.

Oliveira (2000) destaca três importantes recursos que, segundo ele, são fundamentais na pesquisa etnográfica. São eles: o olhar, o ouvir e o escrever. O referido autor enfatiza que esses três elementos “assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, pois tais faculdades nos permitem construir nosso conhecimento (p.18)”.

Assim, entendo que pesquisar com bebês, implica num movimento tenso de estabelecer relações entre o que é estranho e ao mesmo tempo tão próximo e íntimo, sendo o mais bonito e desafiador nos estudos com as crianças, sobretudo com as crianças muito pequenas, como as que frequentam o berçário da instituição.

Nessa perspectiva, entendo que a pesquisa com os bebês me desafiou a treinar o meu olhar, a minha escuta, a percepção para outras formas de comunicação que não fosse principalmente a verbal, embora o choro, o riso, o balbucio dos bebês muito me ensinam sobre eles e sobre os seus processos de interação e construção do conhecimento. Venho aprendendo que é através do corpo que o bebê conhece e experimenta o mundo, experimentação essa que envolve prazeres e desprazeres, brincadeiras, ou simplesmente o movimento dos olhos. Nas primeiras semanas no campo, o que mais me marcou foi a curiosidade e comunicação que os bebês estabeleciam comigo através do olhar e sorrisos. Estavam sempre atentos a cada movimento meu, as falas, a cada click da câmera fotográfica seus olhinhos me seguiam buscando estabelecer um encontro, um diálogo.

O trabalho pedagógico com os bebês na creche investigada é orientado pela Pedagogia de Projetos. No decorrer da pesquisa, em vários momentos pude constatar que tal metodologia de certa forma, limita e não contempla certos aspectos no trabalho com as crianças pequenininhas, sobretudo com os Grupos de Referência da Educação Infantil (GREI) 0 e GREI 1, como no evento que eu trago a seguir.

As professoras hoje fizeram uma atividade de carimbar as mãos das crianças em um tecido para composição de um painel para o projeto autoria. As crianças são sentadas na cadeirinha de alimentação, uma das professoras se encarrega de espalhar a tinta nas mãos dos bebês, enquanto a outra segura o tecido e carimba as mãos dos bebês no tecido. Na tentativa de manter os demais bebês ocupados, e assim conseguirem realizar a proposta, as professoras oferecem papel, tinta e pinceis. Logo que estão diante desses materiais os olhinhos dos bebês brilham, e se põem a explorar os materiais. Kaylane pega o pincel passa na tinta e em seguida no papel, fica observando atentamente o que acontece. Percebe que Luiz Otavio que está sentado ao seu lado a observa, vira-se para ele e oferece o pincel, ele pega e esfrega o pincel no apoio da cadeirinha. Arthur observa de longe e produz um balbucio como se reivindicasse o pincel e tinta, uma das professoras entrega para ele, Arthur passa o pincel na tinta e em seguida esfrega na sua mão. Quando olho novamente para Kaylane ela está com dois pinceis e está usando tintas de cores diferentes, ora esfrega no papel um pincel, ora outro, vira-se novamente para Luiz e mostra o papel com sua produção, Luiz tenta pegar e esfregar a mãos na tinta, Kaylane deixa o papel com ele e começa a passar o pincel na tinta e em seguida passa na sua mão e observa atentamente, faz o mesmo na outra mão, em seguida esfrega a mão no rosto, me olha e sorri, faz alguns balbucios demonstrando muita satisfação e prazer com aquela brincadeira (Caderno de campo, agosto/2015).

Tendo em vista que em alguns momentos existe por parte das professoras uma preocupação de ter uma produção das crianças que contemple os temas dos projetos, as mesmas tendem a valorizar atividades do tipo carimbo dos pés ou das mãos nos mais variados suportes, e acabam por reduzir a potencia do trabalho com as crianças pequenininhas em uma atividade sem sentido e escolarizada. Autores como Freitas (2007, p.10) tem criticado esse tipo de proposta pautada na “forma escola”, segundo o autor, *não deve retirar da educação infantil aquilo que a singulariza, aquilo que se expressa no seu conteúdo em si e para si.*

Nesse sentido, Faria (2015), defende a ideia de uma Pedagogia da Educação Infantil, que consiste segundo a autora, em uma pedagogia *das relações, das diferenças, da escuta, enfim, uma pedagogia macunaímica (sem nenhum caráter, entretanto, com todos, eles.)*. A referida autora propõe ainda, rever a atuação dos professores que estão nos espaços coletivos da educação infantil, pois ser professora da infância não consiste apenas em tomar conta de crianças, requer dessa profissional uma prática que não adote o modelo escolar nem no conteúdo, nem no espaço, nem no tempo.

Mas é claro que o trabalho com os bebês na creche lócus da pesquisa, não se resumia a essas atividades de cunho ‘escolarizadas’, na maior parte do tempo eram propostas significativas e prazerosas para as crianças, que consideravam as múltiplas linguagens dos bebês, atividades com música, com instrumentos musicais, contação de histórias e tantas outras. Se alguns momentos os projetos limitam o trabalho potente com os bebês, em outros momentos ele é possível.

Em um das atividades realizadas com os bebês relacionadas ao projeto cujo tema era a Luz, as professoras confeccionaram moldes vazados com temas de músicas infantis conhecidas das crianças e personagens para contação de histórias em um teatro de sombra. Outra atividade relacionada a esse mesmo projeto consistia na brincadeira com uma esfera luminosa que ao acender, mudava de cor (verde, azul, amarelo, vermelho, etc). Para que o objeto fosse facilmente percebido pelos bebês, apagamos a luz e colocamos no centro da sala. Rapidamente os bebês viram a esfera e foram na sua direção, o objeto passava de mão em mão, sendo disputado por todos. Ficaram um longo período de tempo nessa brincadeira, envolvidos com a descoberta e absorvidos pelo prazer sensorial que ela ocasionou.

Ambas as atividades acabaram por proporcionar uma dimensão filosófica do conhecimento, na medida em proporcionou que as crianças ficassem encantadas e curiosas ao mesmo tempo, buscando entender como o fenômeno acontecia. Dessa forma, concordo com Faria (2015), *as crianças aprendem mesmo quando os adultos não têm intenção de ensinar*.

I(n) concluindo...

Em nossas pesquisas temos em comum o diálogo sobre as questões relacionadas à organização dos tempos-espacos institucionais da pequena infância. Cotidianamente, lutamos contra a produção de uma experiência escolar infantil que se encaminhe para uma perspectiva de *produtividade escolar*, ou seja, que se encaminhe para ideia de antecipação da escola de ensino

fundamental, na qual as crianças supostamente seriam preparadas para uma experiência de sucesso escolar no futuro. Assim, revela-se um desafio pensar a educação da pequena infância no cotidiano, na criança e suas relações, no tempo imediato compartilha conosco sua existência.

Apesar das nossas pesquisas serem desenvolvidas em Unidades de Educação Infantil distintas, elas se articulam no sentido de provocar o desafio de pensar/praticar práticas educativas que possam construir coletivamente significados favoráveis ao coletivo infantil na jornada diária de nove horas. Dessa forma, temos nos desafiado em buscar estratégias de *auscultar* as crianças e dentro do possível contemplar suas demandas.

Assim, revela-se um desafio pensar a educação da pequena infância no agora, na criança que no tempo imediato compartilha conosco sua existência. Nossas discussões apontam para a compreensão de que vivemos uma crise de sentidos sobre a função da escola infantil: lutamos para que não haja um trabalho somente vinculado à ideia de assistência e, simultaneamente, guerreamos contra um trabalho de prontidão para o ensino fundamental.

Nesta crise de perceber o sentido da escola da pequena infância e de trabalhar ainda com os movimentos dicotômicos presentes nas práticas, ora mais fortalecidos pelas ideias do educar e ora pelas ideias do cuidar, vamos nos desafiando a *auscultar* nossas crianças que por vezes narram experiências institucionais escolar e de vida cotidiana com suas famílias e, mesmo com as pesquisadoras das infâncias que compartilham suas vozes neste texto, que denunciam como a nós ainda nos encontramos despreparados para “escutar e dialogar de forma sensível” (BARBIER, 1998) com as leituras que elas nos apresentam do mundo.

Se pensarmos que, quando estamos pesquisando com e/ou sobre as crianças, estamos inevitavelmente investigando suas interações culturais macro e microssociológicas e, enfrentando os desafios históricos, portanto, coloniais que subalternizam os modos de ser e estar no mundo de nossas crianças. A assunção dessa questão como um problema político e epistêmico, nos desafia seriamente a refletir sobre a seguinte questão: quais são ou têm sido as lentes político-epistêmicas que orientam nosso trabalho investigativo com a pequena infância? Fazendo uma análise crítica do quanto estas lentes de forma explícita ou sutil, ainda, corroboram para que a concepção hegemônica de infância, que ainda as percebem como seres ausências, ainda sejam de, algum modo, se fazendo presente.

Por vezes, enfrentamos em nossas discussões de pesquisa algumas questões complexas, também atravessadas por nossas lentes epistêmicas: será que de fato existe na pesquisa com crianças a possibilidade do discurso infantil não ser subalternizado pela lógica adultocêntrica?

Como dialogar e enfrentar as diferenças geracionais impostas aos adultos e às crianças no tempo-espaço onde se desenvolve trabalho o investigativo? (FERREIRA, 2004). Trata-se de questões para as quais não temos respostas definitivas, mas inúmeras perguntas que se complexificam e se abrem para novas questões.

Nossas pesquisas, além de indicar mesmo que de forma humilde e não prescritiva, a necessidade de se cumprir o caráter emancipatório que caracteriza o trabalho pedagógico com crianças pequenas, dependendo de cada unidade especificamente, também revela que a educação da pequena infância depende muito do comprometimento dos governos na consolidação de políticas públicas que garantam a efetivação do direito de uma educação de qualidade e atendimento para os pequenos de 0 a 5 anos de idade.

Referências Bibliográficas

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In BARBOSA, Joaquim (Coord). Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

CASTRO, Lucia Rabello de. Falatório: participação e democracia na escola. Coordenação: Lucia Rabello de Castro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

KRAMER, Sônia. Autoria e Autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 41-59, julho/ 2002.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de e FINCO, Daniela (orgs.). Sociologia da infância no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; 102).

_____. Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FINCO, Daniela. *Campos de experiência educativa e programação pedagógica na escola da infância*. In: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmem Silveira e FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (organizadoras). Campos de experiência na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015.

FERREIRA, Manuela. A gente gosta é de brincar com os outros meninos! Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

FREITAS, Marcos Cezar de. O coletivo infantil: o sentido da forma. In: FARIA, Ana Lucia Goulart (org.). *O coletivo infantil em creches e pré-escolas*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 07-14.

GRAUE, M. Elizabeth & WALSH, Daniel J. A investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MARSHALL, T. H. Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. IN: O trabalho do antropólogo. Brasília. São Paulo: Paralelo Quinze. Editora da Unesp. P. 17-35, 1988.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil. Um campo de estudos em construção. IN: FARIA, Ana Lucia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs.) – Campinas, SP: Autores Associados, 2002. P.19 – 47.

ROCHA, E.A.C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, S.H.V. (Org.). A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. P. 43-51.

RUSSO, Danilo. De como ser professor sem dar aulas na escola da infância. In: FARIA, Ana Lucia Goulart (Org.). *O coletivo infantil em creches e pré-escolas*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 67-93.

SARMENTO, Manoel Jacinto. *Visibilidade social e estudo da infância*. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manuel J. (orgs.). *Infâncias (In) visíveis*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

WEFFORT, Madalena Freire. Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.